



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2346 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 12 - Currículo

## DIA ?D? DE DISCUSSÃO DA BNCC: MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Eliana Aparecida de Jesus Reis - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Ana Cláudia Santiago Zouain - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapes

### RESUMO

Este artigo problematiza a Base Nacional Curricular Comum e seus atravessamentos no cotidiano escolar e contribui com pesquisas no campo curricular, apostando em composições curriculares de resistência, enredadas pelo pensamento em direções outras em tempos de forças-discursos neoliberais de regulação, de controle, de indiferença à diferença. O desejo deste artigo é expandir o pensamento a partir das contribuições de autores como Deleuze, Guattari, Corazza e Carvalho, apostando na criação/invenção que busca fôlego em experiências que se deslocam do comum, do linear, das cristalizações curriculares. A aposta metodológica é a cartografia, considerando os estudos de Barros e Kastrup, na tentativa de captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos forças, que compõe os sujeitos que habitam o cotidiano escolar. Neste movimento de pesquisa, são cartografadas linhas de fuga, criadas por profissionais da educação básica, fazendo proliferar movimentos outros, que nem sempre - ou quase nunca - estão previstos nos códigos curriculares, mas que emanam da vida que vibra no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Currículo. Pensamento da Diferença. Resistência.

## DIA "D" DE DISCUSSÃO DA BNCC: MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

### RESUMO

Este artigo problematiza a Base Nacional Curricular Comum e seus atravessamentos no cotidiano escolar e contribui com pesquisas no campo curricular, apostando em composições curriculares de resistência, enredadas pelo pensamento em direções outras em tempos de forças-discursos neoliberais de regulação, de controle, de indiferença à diferença. O desejo deste artigo é expandir o pensamento a partir das contribuições de autores como Deleuze, Guattari, Corazza e Carvalho, apostando na criação/invenção que busca fôlego em experiências que se deslocam do comum, do linear, das cristalizações curriculares. A aposta metodológica é a cartografia, considerando os estudos de Barros e Kastrup, na tentativa de captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos forças, que compõe os sujeitos que habitam o cotidiano escolar. Neste movimento de pesquisa, são cartografadas linhas de fuga, criadas por profissionais da educação básica, fazendo proliferar movimentos outros, que nem sempre - ou quase nunca - estão previstos nos códigos curriculares, mas que emanam da vida que vibra no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Currículo. Pensamento da Diferença. Resistência.

### 1 O QUE NOS ATRAVESSA EM TEMPOS DE BNCC?

Para compor este artigo, que apresenta alguns desdobramentos de movimentos de pesquisa em andamento, desejamos pensar com a ajuda do olhar-mãos-pensamentos da artista plástica Nelma Guimarães, que na exposição *Vou mostrando como sou e vou sendo como posso* tanto nos afeta nesse universo enredado por linhas, curvas, formas, cores, memórias... São diferentes perspectivas tecidas-evidenciadas pelos *olhinhos de corvo* da artista, que ao se demorar na composição do detalhe no detalhe, nos convida a olhar, a sentir aquilo que mora em nós e nos habita fora de nós.

Portanto, inspirados pelo olhar-mãos-obra da artista que trans(cria) a vida, seduzidos pela possibilidade de nos deslocar do comum, esse artigo pretende pensar a BNCC, pousando o olhar-pensamento às narrativas de professores da educação básica, que atuam em uma rede municipal de ensino no estado do Espírito Santo. Neste artigo, desejamos problematizar o coengendramento entre macro e micropolíticas enredadas nas relações de forças tecidas no cotidiano da escola e fora dela, bem como evidenciar a potência do Pensamento da Diferença nos movimentos intensivo-dinâmicos, que criam diferentes cores e formas, que compõem linhas, curvas, traços, memórias, subjetividades tecidas junto/com/por aqueles que habitam o cotidiano escolar.

Pensar uma lista de conhecimentos, competências e habilidades a serem alcançadas ano a ano da educação básica é no mínimo uma tentativa de controle e aprisionamento marcado por forças que se opõem às potências afirmativas tecidas no cotidiano da escola, em suas múltiplas possibilidades de *viverpensar* os currículos. As composições curriculares são tecidas nas conexões entre linhas que se cruzam em movimentos nômades, em movimentos vibrantes, em movimentos de desterritorialização.

Nessa direção, este artigo apresenta como campo problemático: a prescrição cristalizada de códigos curriculares é capaz de garantir educação pública de qualidade no Brasil? Ou se configura como mais um mecanismo de regulação/controle que desconsidera às múltiplas maneiras de habitar/existir o cotidiano escolar? Como pensar currículos sem considerar os movimentos criados/inventados na diferença, na multiplicidade, nos processos transversais permeados por diferentes planos subjetivos que compõem os sujeitos que habitam o cotidiano escolar? São possíveis movimentos de resistência nas composições curriculares enredadas na escola, apostando na criação/invenção, na experiência que nos afeta, nos mobiliza?

Recorrendo a Corazza (2013) podemos pensar possibilidades de distanciamento daquilo que apequena a vida, que diminui ou nos separa de forças ativas de que somos capazes. A escola pode mais! Existe potência no currículo vivido, praticado, sentido, tecido pelos sujeitos que habitam diferentes *espaçostempos* desse país de dimensões continentais e características pluriculturais. Desse modo, não podemos negar/silenciar a potência da diferença que reverbera no cotidiano escolar (e fora dele), bem como a possibilidade da composição de diferentes modos de viver, criar e transcriar a educação (CORAZZA, 2013).

Considerando os tempos de crise de paradigmas e perplexidade de macropolítica vividos na atual conjuntura na educação pública brasileira, podemos pensar a BNCC como uma megamáquina capitalística (SILVA; DELBONI, 2016). Portanto, faz-se necessário problematizar seus atravessamentos no cotidiano escolar, sobretudo àqueles provocados durante as redes de conversão realizadas por professores no Dia “D” de Discussão da BNCC. Para essa ação realizada no mês de março de 2018 em todas as unidades de ensino do país, o MEC (Ministério da Educação) definiu data comum para a discussão da BNCC, bem como material de prescrição cristalizada para orientar o debate em todo o território nacional. Portanto, é relevante problematizar, considerando os possíveis de uma escola onde o conhecimento (produzido na e pela experimentação) desdobra-se nos processos educativos constituídos nas criações/invenções tecidas nos cotidianos escolares.

## **2 CARTOGRAFANDO REGISTROS REALIZADOS NO DIA “D” DE DISCUSSÃO DA BNCC: INQUIETAÇÕES QUE VIBRAM NAS NARRATIVAS DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Inspirados nas obras de Nelma Guimarães, queremos com este artigo colocar em evidência as linhas, as diferentes matizes, as cores (não apenas uma única cor), as formas, a agulhas/ linhas - pensamento que foram tecidas nos registros realizados por diferentes unidades de ensino, durante a formação continuada, realizada para discussão da BNCC. Queremos-desejamos nesse movimento de pesquisa abrir rasgões no tecido rígido para que a linha fique à mostra. A linha que quando adotada por tendências conservadoras da alta-costura é escondida, é silenciada, nas mãos da artista Nelma Guimarães, ganha lugar e espaço para existir em seu modo singular e estabelece relação com o múltiplo, ficando bem à mostra, em evidência.

Por acreditar que movimentos de desterritorialização são possíveis diante de mecanismos de regulação/controle que tentam aprisionar o pensamento, procuramos cartografar linhas de fuga, fazendo a leitura dos relatórios enviados pelas unidades de ensino à secretaria municipal de educação. Nosso objetivo era pousar o olhar sobre algum movimento de deslocamentos que tenha conseguido escapar do roteiro-regulador prescrito pelo MEC. Desse modo, fazendo um sobrevoo sobre narrativas docentes registradas em relatórios por unidades de ensino de uma rede municipal de ensino, no estado do Espírito Santo, lançamos nossa atenção para algumas problematizações disparadas por professores nesses *espaçostempos* escolares.

Nessa direção, nesse movimento de cartografar relatórios - entregues ao setor da secretaria municipal de educação até a data de 13(treze) de abril de 2018 - queremos destacar algumas narrativas registradas nesses documentos que confirmam em nós o desejo de continuar apostando no Pensamento da Diferença ao pensar a revolução molecular, a subjetividade como força, como energia do viver que atravessa os encontros, quando consideramos a dimensão dos agenciamentos, das variáveis em conexão, das linhas de fuga.

Portanto, quando pousamos nosso *olhar* de cartógrafos sobre alguns dos registros produzidos nas/pelas escolas no Dia “D” da Discussão sobre a BNCC, captamos a seguinte narrativa:

Relatório “A” - [...] após apresentada, pela equipe gestora, a programação e o objetivo do encontro, o grupo de

docentes realizou a leitura compartilhada da BNCC e os professores colocaram que desconhecem os conteúdos mínimos propostos pelo documento e que não teriam base para a discussão.

Tal enunciado aponta para o contexto em que se deu a construção do documento, que por sua vez dispôs de uma sistematização cristalizada (via plataforma disponibilizada no site do MEC e apenas encontros regionais), o que não possibilitou o amplo debate da proposta, comprometendo a participação popular – inclusive de movimentos sociais, fóruns, associações de pesquisa do campo curricular – bem como dos sujeitos que habitam o cotidiano escolar. Portanto, confirmamos que a participação popular se deu de modo restrito e engessado.

Como afirma Carvalho (2009), praticamos currículos em meio a agenciamentos coletivos de enunciação, assim, as prescrições curriculares devem ser visualizadas como textos e não como ponto de partida para orientar as mudanças educativas, questionando a “mercadologização” curricular. Desse modo, ao considerar o expressivo empenho de instituições privadas para homologação da BNCC e a tentativa de fortalecimento da padronização do ensino com a prescrição arbitrária de conhecimentos e habilidades a serem alcançados em cada ano da educação básica, é acreditar que o documento se constitui como um forte mecanismo regulador pautado do discurso de igualdade de direitos de aprendizagem, por vez atravessado de interesses neoliberais - tão latentes na atual conjuntura política nacional.

Outro ponto que nos chama a atenção, ainda no Relatório “A” é: *os professores foram unânimes em concordar que a melhora da aprendizagem passa pela mudança das políticas públicas, e num melhor direcionamento dos recursos da Educação*. Essa afirmativa nos provoca e nos faz retomar alguns movimentos de resistência realizados durante a construção da BNCC. Foram inúmeros os manifestos disparados por fórum populares e associações que faziam - entre muitas outras - as seguintes problematizações: a) Por que tamanho empenho do governo federal na implantação de uma base comum para a educação básica, usando como justificativa o cumprimento da estratégia 2.1 do Plano Nacional de Educação (2014 – 2024)? Por que não dispor do mesmo empenho para tratar outras metas e estratégias do PNE, que tratam do financiamento da educação no Brasil, da formação de professores? Por que não fortalecer na comunidade escolar discussões e alternativas para efetivação do Custo Aluno Qualidade (CAQ) e Custo Aluno Qualidade Iniciais (CAQi)?

As problematizações aqui destacadas foram latentes no processo anterior a homologação da BNCC e ainda pulsam nas narrativas de professores/gestores no cotidiano escolar. Essas inquietações evidenciadas nos ajuda a pensar os sujeitos que habitam a escola como sujeitos *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012), não meros executores de códigos curriculares. Sujeitos em devires, em movimento intensivo-dinâmico, tecendo relações de forças em composições curriculares criadas/inventadas nos *espaçostempos* escolares. Seria possível acreditar que o Dia “D” de Discussão da BNCC se daria do mesmo jeito, no mesmo tom, da mesma forma, em todas as escolas do território brasileiro?

Nessa direção, buscamos cartografar nos relatórios construídos nesta rede municipal de ensino fundamental, movimentos de resistência, rupturas/distanciamentos, deslocamentos criados pelos sujeitos que habitam o cotidiano escolar, e isso pode ser evidenciado, a seguir, na narrativa que compõe o Relatório “B”:

O Professor “P”. passou a apresentar os materiais da secretaria municipal de educação e, também, as principais visões sobre a BNCC, feitas por acadêmicos, sobretudo, pelo profº Carlos Eduardo Ferraço (PPGE-UFES e vice-presidente da Anped), mostrando que, por um lado, a BNCC é considerada importante para a educação, isso fica explícito nos discursos do movimento “Todos pela Educação”, por outro lado, a BNCC é alvo de críticas, posto que possui limites frente às realidades escolares. Depois

dessa contextualização, o professor P. passou um vídeo (TV-Jornal) que permitiu aos professores problematizarem o “Novo Currículo” e suas implicações para a prática pedagógica, bem como a autonomia docente frente às diversas políticas educacionais que estão em andamento.

O que nos chama atenção na narrativa é a problematização disparada pelo professor “P”, trazendo a baila diferentes olhares-discursos sobre a proposta de criação da BNCC, e isso ajuda o grupo a pensar o contexto histórico-político brasileiro em que fora constituído tal mecanismo. Desse modo, o Professor “P” move o pensamento, compondo nesse *espaçotempo* uma discussão que assume um modo inventivo e autoral, escapando do roteiro prescrito/cristalizado, ao abrir rasgões em direções outras. Tais movimentos de distanciamento do modelo dogmático de debate, orquestrado pelo MEC, nos ajuda a pensar modos outros de resistência, enredada pelos sujeitos que habitam a escola. Sujeitos que, movidos pela vida que pulsa e vibra no cotidiano escolar, vão compondo diferentes modos de habitar-existir esses *espaçotempos*, provocando deslocamentos, escapando de políticas que tentam regular/aprisionar o pensamento, a escola, a docência.

### 3 O QUE NOS AFETA E NOS MOVE EM TEMPOS DE BNCC?

A escola é um universo de tensões enredadas nas relações estabelecidas entre/com os sujeitos *praticantes-pensantes* do currículo. Portanto, os sujeitos que habitam a escola não são meros reprodutores de códigos curriculares, de modelos arborescentes e cristalizados de formação/debate. Nas relações tecidas o tempo todo no cotidiano escolar estudantes/professores extrapolam tentativas de regulação e controle, abrem rasgões ao escapar de discursos-forças que tentam aprisionar o pensamento, a vida, os corpos que pulsam/vibram no contexto da escola e fora dela.

Afetados por discursos predominantemente progressivistas, neoliberais e centralizadores dispostos pela BNCC, nosso desafio é pensar na possibilidade de resistir apostando em um currículo rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), plural, rasurado por aquilo que escapa às tentativas reguladoras, criando planos involutivos de multiplicação molecular. Um currículo não é só um pensamento, mas a ética desejante de viver o caos e seus devires [...] educadores são arquipélagos: territórios atípicos, difíceis de delimitar, não integráveis, em errância, sempre desterritorializados (CORAZZA, 2013). Os processos de *aprenderensinar* são tecidos por sujeitos atravessados por multiplicidades, por afetos, tecidos por diferentes modos de habitar-existir o cotidiano escolar.

Nesse sentido, uma base curricular comum apresenta “uma descaracterização do estudante em sua condição de diferença, bem como da desumanização do trabalho docente em sua condição criativa e desconsideração da complexidade da vida na escola” (ANPED; ABdC, 2015). Portanto, expandir o pensamento a partir das contribuições de autores como Deleuze, Guattari, Corazza e Carvalho é acreditar na produção de movimentos de resistência a favor da vida, uma vida imanente que busca fôlego em experiências que deslocam do lugar comum, do linear, do progressivismo em nome de interesses neoliberais.

No cotidiano escolar a vida pulsa, os corpos vibram, os sujeitos provocam ressonâncias que escapam a mecanismos de controle, que buscam fôlego em experiências que se deslocam do comum, do igual para todo mundo e no mesmo tempo. Experiências nas quais a docência é constituída como uma ação política de liberdade, onde é possível fazer proliferar conhecimentos outros, que nem sempre (ou quase nunca) estão nos códigos curriculares. Portanto, com a contribuição do Pensamento da Diferença, confirmamos que as composições curriculares criadas na escola são enredadas pelas relações que vão sendo nela estabelecidas, onde são engendradas forças do campo macro e micropolíticas que emanam do cotidiano escolar e fora dele.

Nessa direção, inspirados pela vida que é (trans)criada na Arte pelas mãos-olhos-pensamento de Nelma Guimarães, que nos afeta e lança para aquilo que nos habita dentro e fora de nós, desejamos continuar apostando na arte da criação/invenção que reverbera nos planos intensivos das forças e dos afetos, e continuar olhando com atenção para as linhas duras, flexíveis e também para as linhas de fuga que compõe o cotidiano escolar. Queremos desejando as diferentes formas, linhas, cores, lógicas, pensamento. Não apenas um modelo cristalizado, endurecido na composição da vida, a escola, o currículo. Desejamos/apostamos em movimentos que abrem rasgões no tecido rígido e estão lá na escola existindo/resistindo ao seu modo singular, estabelecendo relação com o múltiplo, com a diferença.

### REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED). ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CURRÍCULO (ABdC). **Ofício N° 01/2015/GR. Exposição de Motivos sobre a Base Nacional Comum Curricular**. Rio de Janeiro: 9 nov. 2015.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP *et alii*; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre, RS: Doisa, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. VOL. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34,1995.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos *pensados/praticados* pelos *praticantes/pensantes* dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães *et al.* (Orgs.). **Currículos, Conhecimentos e Produção de Subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP *et Alii*, Vitória, ES: Nupec/UFES, 2012.

SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera. Cotidiano escolar como laboratório de existência: lugar de criação, experimentação e invenção. In: **Espaço do Currículo**, v.9, n.3, p. 404-411, 2016.